

Agravos à saúde e relacionamentos afetivo-sexuais em comunidades anfitriãs do turismo¹

Alessandro de Oliveira Santos²
Regina Figueiredo³

Introdução

O potencial para o desenvolvimento do turismo de natureza, ou ecoturismo, aliado a um imenso patrimônio histórico e cultural, coloca o Brasil na dianteira como destino turístico nos próximos anos. Dados do Ministério do Turismo sobre a entrada de estrangeiros no país confirmam essa tendência: em 2007, 5.025.834 turistas vieram de outros países, gerando uma receita de aproximadamente 5.785.000 dólares (Ministério do Turismo, 2008). Esses, ainda, são números tímidos, se comparados ao de países do Caribe e da Ásia, mas que revelam o potencial de desenvolvimento do setor turístico brasileiro.

Tal como outros setores da economia capitalista, o “negócio-turismo” se baseia na apropriação e exploração do ambiente e da sociedade visando a geração do lucro. Os empreendimentos relacionados ao setor, com poucas exceções, possuem um ciclo composto de três etapas: (1) busca de destinos, (2) incentivo ao “desenvolvimento” e (3) seguir em frente, buscando outro destino, quando o ponto de saturação/novidade foi atingido. Esse fenômeno é conhecido como “ciclo de vida” de uma comunidade anfitriã de turismo – comunidade anfitriã que se refere às regiões (municípios, distritos, bairros) do interior ou litoral de um país, cuja organização

¹ Capítulo publicado *In Violência sexual contra crianças e adolescentes – reflexões sobre condutas, posicionamentos e práticas de enfrentamento*. MENEZES-SANTOS, Jaileila de Araújo; RIOS, Luís Felipe Rios (org.). Brasília: Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana, Departamento de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFPE / Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República - SEDH/PR, 2008.

² Mestre e Doutor em Psicologia pela USP. Bolsista PRODOC/CAPES no Depto. de Psicologia Social e do Trabalho do IP/USP. Pesquisador do Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids – NEPAIDS/USP. E-mail: alos@usp.br

³ Mestre em Antropologia pela USP. Pesquisadora do Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de SP e do Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids – NEPAIDS/USP. E-mail: reginafigueiredo@uol.com.br

econômica está voltada para o negócio-turismo (Joseph e Kavoori, 2001).

A análise do turismo em todo o mundo tem demonstrado que seu desenvolvimento de forma não sustentável – ou seja, ecologicamente (in)correto, economicamente (in)viável, socialmente (in)justo e sem participação comunitária e enraizamento social –, contribui para o desequilíbrio ecológico e para a desagregação social das comunidades anfitriãs (Coriolano, 2001; Mbaiwa, 2004; Bauer, 2008).

Este artigo apresenta os principais efeitos do desenvolvimento do turismo nas comunidades anfitriãs, **com relação à produção de agravos à saúde** – que acometem tanto turistas, quanto moradores –, além da exposição dos jovens nativos à **mercantilização dos relacionamentos afetivo-sexuais** com turistas. Também, a título de considerações finais, faz algumas recomendações para a promoção da saúde e para a proteção dos direitos da população jovem que vive nessas comunidades anfitriãs.

Impactos do turismo

A demanda por viagens (fatores econômicos, políticos, sociais e culturais que possibilitam viagens), a prestação de serviços de intermediários (hotéis, transportes, agentes de viagens, guias) e o poder de atração dos destinos (atrativos naturais e culturais, acessibilidade, estabilidade política e econômica), são os elementos que constituem o turismo (Burns, 2002). A combinação destes elementos conduz a uma série de efeitos sociais e no ambiente das

comunidades anfitriãs, denominados **impactos do turismo**. Trata-se de efeitos de longo prazo e acumulados da atividade turismo sobre uma comunidade e que podem ser classificados como **impactos positivos** ou **impactos negativos**.

Embora seja difícil diferenciar os impactos reais e potenciais do turismo – tendo em vista que os mesmos se manifestam em contextos sociais e culturais dinâmicos – nas últimas duas décadas, diversos pesquisadores da Europa, Estados Unidos, Caribe, Oceania e Brasil têm se colocado diante deste desafio, buscando estudar evidências dos impactos, através de estudos de caso de comunidades anfitriãs e/ou de estudos comparativos entre comunidades anfitriãs e comunidades sem turismo. O principal veículo de divulgação internacional destas pesquisas é o periódico científico *Annals of Tourism Research*, editado no Reino Unido.

Em outro artigo, Santos (2006) realizou uma revisão da literatura sobre o tema. Como principais **impactos positivos** do turismo nas comunidades anfitriãs, observa-se:

- a criação de áreas e programas de proteção da fauna e flora e de conservação de sítios arqueológicos e monumentos históricos;
- o desenvolvimento de infra-estrutura na comunidade anfitriã, com melhoria das condições de acesso, instalação ou expansão de canalização de água, esgoto, energia elétrica e outros serviços públicos;

- a geração de renda, criação de empregos e aumento na arrecadação de impostos locais.

Como principais **impactos negativos** do turismo nas comunidades destaca-se:

- a especulação imobiliária que eleva o preço dos terrenos e conduz à descaracterização do ambiente e ao desalojamento dos moradores tradicionais;
- a mobilidade geográfica de trabalhadores provocada pelo turismo para os setores de serviços e construção civil, gerando conflitos pelas ofertas de trabalho e aumento do número de habitantes, o que produz escassez de moradias e a falta de centros de saúde, remédios e vagas em escolas, enfim, de infraestrutura pública para atender a todos;
- o aumento do preço das mercadorias, do barulho, da quantidade de lixo e dos problemas de saneamento básico provocados pelo aumento significativo do número de pessoas;
- a alteração nos estilos de vida e costumes dos moradores nativos.

A geração de renda e as transformações no estilo de vida dos nativos têm sido os impactos mais descritos na literatura, evidenciando que o impulsionamento econômico e as mudanças sociais são as chaves para a compreensão dos efeitos do turismo em uma comunidade.

Três fatores podem ser utilizados para explicar as transformações no estilo de vida dos nativos: **a mercantilização das tradições, o efeito demonstração e a negociação cultural:**

A mercantilização ocorre quando as tradições culturais e espirituais de uma comunidade são comercializadas e transformadas em espetáculo para turistas. Em seu estudo em Pushkar (Índia), Joseph e Kavoori (2001) descreveram esse fenômeno, relatando que o entorno dos templos e caminhos de peregrinação ficaram rodeados por hotéis, restaurantes e lojas, onde muitos moradores abandonaram as atividades de sacerdócio e passaram a se dedicar exclusivamente ao turismo; ao mesmo tempo, observaram que os rituais religiosos passaram a ser feitos para o entretenimento dos visitantes. De acordo com Burns (2002), esse abandono do exercício das tradições provoca no morador nativo uma crise de significados e de identidade, acompanhada de um enfraquecimento dos seus vínculos com a própria comunidade.

O efeito demonstração é observado quando os turistas tornam-se modelos para os nativos, sobretudo jovens, que passam a almejar e adotar seus estilos de vida. Neste sentido, a negociação cultural, é definida pela atitude de assimilação ou não que os nativos têm frente a esses valores, bens culturais ou comportamentos que lhes são trazidos de fora, ressaltando que não há uma absorção passiva, mas um processo de “negociação” fruto da interação entre comunidade anfitriã e turistas.

Weaver e Lawton (2001) apontam, ainda, que esta interação entre esses diferentes (turistas e comunidade anfitriã) é influenciada pela percepção que os moradores nativos têm do turismo, a partir de aspectos de dimensão extrínseca e outros de dimensão intrínseca. Os aspectos extrínsecos dizem respeito às características da comunidade, incluindo: posição dentro do ciclo de vida do turismo (início, consolidação ou decadência do mesmo na comunidade), sazonalidade (períodos de alta e baixa estação), proporção de moradores para turistas e proporção de turistas internacionais. Assim, se tomamos a posição da comunidade no ciclo de vida, a percepção do morador pode variar; o mesmo vale para a sazonalidade, que permite períodos com e sem turistas. Já os aspectos intrínsecos, dizem respeito às características dos moradores, como: tempo de residência, envolvimento com o turismo e residência próxima das zonas de atividade turística.

Em estudo sobre uma comunidade anfitriã de Alagoas (Brasil), Oliveira (1998) entrevistou moradores de três gerações que viveram diferentes momentos do turismo (o antes, a chegada e o depois), com o objetivo de investigar se houve gerações mais receptivas ou não a este evento. Os resultados indicaram que moradores que tinham menor relação com o ambiente, ou seja, que não o viam como acolhedor, nem provedor, e necessitavam de esforço para nele viver, receberam bem as transformações advindas do turismo e anteviram uma vida mais fácil, beneficiando-se deste. Por outro lado,

aqueles que se sentiam pertencentes ao ambiente e que o tinham como provedor economicamente (por atividades de agricultura de subsistência, pesca), não acolheram bem o turismo e sentiram-se desprotegidos e ameaçados.

No estudo de Joseph e Kavoori (2001), já citado, constatou-se que a maioria da população local considerava o turismo uma ameaça à tradição e à religião, apesar de depender economicamente desta atividade. Segundo os autores, a estratégia utilizada pela comunidade para lidar com a ambivalência e que os permitiu condenar coletivamente o turismo e, ao mesmo tempo, participar dele, foi a utilização paralela de três tipos de retórica frente à perda da tradição e a mudança social provocada pelo turismo: a **retórica religiosa**, a **retórica política** e **retórica excludente**. A **retórica religiosa**, utilizou o conceito de *Kalyuga* – que na cosmologia hindu corresponde a um período onde há decadência moral –, permitindo a explicação do pouco respeito à tradição, da comercialização dos rituais religiosos, da quebra de preceitos por parte dos turistas e da repetição deste comportamento entre os jovens da comunidade. A **retórica política** foi utilizada pela comunidade na responsabilização do governo pelos problemas locais (falta de emprego, baixos salários, problemas de saneamento básico) e pelo crescimento do turismo. A **retórica excludente**, por sua vez, foi utilizada com base na segmentação da sociedade entre nativos e “de fora”; definindo os primeiros como nascidos no local e

seguidores das tradições religiosas; os “de fora”, como os vindos em função do turismo, não seguidores das tradições e preceitos religiosos ligados ao consumo de álcool e carne. Por isso, os moradores “de fora” eram identificados pelos nativos como símbolos da época *Kalyuga* e dos impactos negativos do turismo.

Um problema de Saúde Pública

Na interação que o turismo promove entre turistas e moradores da comunidade anfitriã, entram em contato comportamentos e formas de convívio diferentes. Conhecer essas formas de interação é fundamental para avaliar as mudanças sociais que ocorrem nas comunidades anfitriãs, que, segundo Burns (2002), variam de acordo com o número de turistas, o tempo de permanência na comunidade e o vínculo estabelecido com os prestadores de serviços (agências de viagem, hotéis, guias) e os moradores. A esses fatores, somam-se também o tipo de turismo/turista e a forma de organização da comunidade local e do poder público para lidar com este evento.

Os impactos negativos do turismo resultantes deste processo complexo de interação, incluem, muitas vezes, problemas de Saúde Pública. No Brasil, ainda existe pouca informação sobre os agravos em saúde que ocorrem nas comunidades anfitriãs de turismo como: proliferação de doenças de veiculação hídrica decorrente das condições de saneamento ambiental; proliferação das doenças sexualmente transmissíveis (DST), incluindo a Aids e as Hepatites – em função

das relações sexuais sem preservativo envolvendo os turistas entre si e turistas e moradores locais –; emergências médicas decorrentes do uso abusivo de álcool e outras drogas pelos turistas e aumento do consumo dessas substâncias entre os jovens moradores (Santos, 2004). Focalizaremos, a seguir, os agravos relacionados à saúde sexual e ao uso abusivo de álcool e outras drogas que acometem os turistas e os jovens moradores nativos.

Rocha e colaboradores (2008) investigaram a prevalência das DST em mulheres dos bairros de Ponta Negra e Tirol, em Natal (Rio Grande do Norte). Ponta Negra é formado, basicamente, por uma população flutuante de jovens turistas e por uma população local carente, que vive em uma grande área do bairro (Vila de Ponta Negra). Tirol fica próximo ao centro da cidade e apresenta uma população residente de elevado poder sócio-econômico. Utilizando resultados de exames de papanicolaou realizados em 2003, 2004 e 2005 por 4.676 mulheres, os autores verificaram uma prevalência de DST de 37,7% em Ponta Negra e de 22,2% no Tirol, apesar da procura para a realização do exame ter sido menor em Ponta Negra (1.955 mulheres frente a 2.721 mulheres do Tirol). Os resultados evidenciaram que as condições sócio-culturais e econômicas são determinantes no perfil e conduta sexual da população, levando os autores a concluir que a maior prevalência de DST em Ponta Negra estava relacionada às características da população deste bairro, mais carente e com

altos índices de prostituição em função da presença de turistas.

Como apontaram as pesquisas de Cavalheiro e colaboradores (1999) e Damas e Pacca (1999), realizadas na Praia de Maresias (litoral de São Paulo) e em Campos do Jordão (interior de São Paulo), a maioria dos residentes das comunidades anfitriãs de turismo brasileiras é composta por pessoas com baixo poder aquisitivo, pouca escolaridade e restrito acesso a serviços públicos de saúde, por isso, com maior vulnerabilidade aos agravos em saúde sexual. Essa maior vulnerabilidade é fruto do convívio cotidiano ou periódico com um conjunto de turistas que se constituem numa “rede” de expansão de relacionamentos afetivo-sexuais, de práticas de sexo desprotegido e, portanto, de risco para infecção por DST/Aids. A essa exposição, não estão excluídos as possibilidades e casos reais de gravidez não-planejada frutos desses relacionamentos e que se confirmam não só como sequelas individuais, mas também coletivas, tanto familiares, como no âmbito do planejamento e da atenção de Políticas Públicas de Saúde dessas comunidades anfitriãs.

Figueiredo e McBritton (2007), comprovaram essa vulnerabilidade em pesquisa realizada durante o Carnaval de 2006 no Guarujá, município litorâneo do estado de São Paulo. Aplicando 439 questionários com turistas e 341 questionários com moradores, na faixa etária de 19 até 26 anos verificou-se que 12,5% dos entrevistados alegaram ter trocado abraços e

beijos na boca durante a festa, sendo que destes, 28,3% alegaram ter trocado tais carícias e até mantido prática sexual com pessoas “de fora”. O estudo apontou também que apesar do uso habitual de preservativos ser de 80,4% entre os pesquisados, apenas 37,6% afirmaram tê-lo feito no sexo praticado durante o carnaval e outros 10,4% mantiveram relações sem o uso de nenhum método contraceptivo, demonstrando a exposição às DST/Aids e Hepatites, mas também à ocorrência de gravidez não-planejada.

Em outros países, Ross (2001) e Burns (2002) também observaram que o comportamento afetivo-sexual dos turistas durante as viagens se constitui, muitas vezes, como bastante diverso do comportamento habitual, uma vez que se encontra longe das restrições e afazeres do cotidiano. Esse comportamento a qual os autores chamam “inversão comportamental” é capaz de afastar as inibições, favorecer a troca sexual, bem como o consumo de drogas legais e ilegais.

Esse consumo de drogas, inclusive associado ao sexo foi igualmente verificado na pesquisa citada de Figueiredo e McBritton (2006) no Carnaval do Guarujá, demonstrando a existência de associação entre a prática sexual e uso de bebidas alcoólicas: dentre os que mantiveram prática sexual, 63,4% haviam-nas ingerido, em comparação com 37,5% que não havia bebido. O álcool participa dos relacionamentos afetivo-sexuais de turistas e

moradores como elemento do jogo de sedução.

Em pesquisa no Vale do Ribeira/SP (Santos e Paiva, 2007), onde foram entrevistados 29 monitores ambientais, que atuam como guias na região, levantou-se que é possível encontrar bebidas e maconha com certa facilidade nos atrativos e verificar o uso de álcool e de outras drogas pelos turistas visitantes. Os autores apontam que o uso de drogas amplia a vulnerabilidade de turistas e moradores à transmissão do HIV/Aids ao favorecer as relações sexuais ocasionais sem uso de preservativo e situações de assédio e abuso sexual, além de estar associado à ocorrência de acidentes de trânsito, acidentes físicos, brigas, afogamentos e crises de overdose nas comunidades anfitriãs.

A oferta de drogas ilícitas nas comunidades anfitriãs, provém de uma rede de relações que envolve moradores e prestadores de serviço do turismo local, turistas e agenciadores externos. Apesar de haver turistas que levam drogas ilícitas para consumo próprio durante a viagem, há turistas que se abastecem no comércio local de drogas ilícitas, ressaltando-se a atuação de agenciadores externos do tráfico de drogas nas comunidades para atender a demanda intensificada pelo turismo (Santos, Bellenzani e Silva, 2009).

Em outro trabalho, em comunidades anfitriãs do Espírito Santo e Minas Gerais (Figueiredo e Santos, 2008), foi possível constatar um efeito demonstração preocupante nos jovens nativos: a adoção de substâncias (cocaína, crack, ecstasy) e dos

padrões de consumo de drogas comuns aos turistas, o que amplia sobremaneira as possibilidades de absorção de novas drogas pelo consumo local e de troca de sexo por drogas entre os turistas e os jovens moradores em situação de dependência química.

Mercantilização dos relacionamentos afetivos-sexuais envolvendo turistas e nativos

Refletir sobre os relacionamentos afetivos-sexuais entre turistas e nativos é uma tarefa difícil, visto que eles resultam da articulação e manutenção de relações sociais historicamente desiguais, como as relações entre Norte e Sul, capital e trabalho e as relações de gênero e étnico/raciais (Ouriques, 2005; Piscitelli, 2005).

Ouriques (2005) acredita que o turismo realizado nos países em desenvolvimento e em regiões periféricas do capitalismo fundamenta-se na reedição do Colonialismo, manifesto na forma como as comunidades anfitriãs e nativos são transformados em mercadoria: **inicialmente, ocorre a apropriação da paisagem e das tradições culturais** que passam a ser vendidas como objetos de consumo estético e intelectual e de promoção da comunidade como destino turístico; **em seguida, vêm a apropriação territorial e a reprodução de relações servis de trabalho**, com a expropriação e/ou venda barata de terras e a ocupação dos postos mais baixos da cadeia produtiva do turismo pelos nativos. Isso faz com que a maior parte dos benefícios econômicos

gerados pelo turismo fique nas mãos das grandes companhias transnacionais do setor e uma pequena parte seja destinada a satisfazer as elites das comunidades anfitriãs, detentoras de títulos de propriedade de terra e poder político local.

Entretanto, para este autor (Ouriques, 2005) é a associação entre **turismo internacional e sexo** que expressa melhor a transformação dos nativos em mercadoria e o caráter colonialista do turismo realizado nas regiões periféricas do capitalismo: “se outrora os conquistadores europeus pilhavam as riquezas naturais e estupravam as mulheres; no presente, expressam a dominação diretamente pelo dinheiro que carregam, que compra inclusive a virgindade de crianças e adolescentes na Ásia, na África e América Latina” (p. 103). Ouriques defende que a compreensão implícita no comportamento dos turistas dos países desenvolvidos do Norte é a de que as ex-colônias tem a função de ser o “jardim das delícias” e o “bordel” do Primeiro Mundo. Por conseguinte, o sexo passa a ser um produto de exportação dessas comunidades, que pode ser consumido *in loco*. O autor (Ouriques, 2005) acredita que ao globalizar o local, o turismo, sobretudo internacional, transforma o ambiente e as relações sociais das localidades visitadas, dando-lhes um caráter mercantil – trata-se, portanto, de uma forma específica de produção das relações de exploração capitalistas, fundada no colonialismo, cuja maior expressão é a mercantilização dos corpos dos nativos com

vistas a obtenção de prazer sexual, o que se convencionou chamar de “turismo sexual”.

Assim, o turismo sexual consiste em exploração sexual, em especial da população feminina e de crianças e adolescentes, por visitantes, em geral, vindos dos países ricos do Norte, com cumplicidade (por ação direta ou omissão) dos prestadores de serviços e dos profissionais da cadeia produtiva de turismo local (Gomes, 2008). Enquanto modalidade de Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes – ESCCA, o turismo sexual envolve uma rede de serviços sexuais que articula sites de internet, bares, taxistas, casas noturnas, hotéis, restaurantes, guias, agências de viagem e aliciadores.

Este problema é tão visível que o enfrentamento do turismo sexual é atualmente uma das prioridades da Organização Mundial do Turismo – OMT. Dentre seus esforços destaca-se:

- a Assembléia Geral, realizada em 1995 no Egito, sobre prevenção ao turismo sexual;
- a criação em 1998 do Código de Conduta para a Proteção da Criança contra a Exploração Sexual em Viagens e Turismo, elaborado em parceria com uma ONG para orientar as empresas do setor. Dentre as ações que os signatários devem cumprir, ressalta-se o estabelecimento de uma política ética da empresa contra a exploração sexual, a inserção de cláusula específica nos contratos com

fornecedores, declarando repúdio a exploração sexual e a disponibilização de informação aos turistas sobre as sanções e locais de denúncia (Ministério do Turismo, s/d).

- a promulgação do Código Mundial de Ética no Turismo na Assembléia Geral realizada em 1999 no Chile, que condena a exploração sexual e indica sua penalização pelas legislações nacionais dos países emissores e receptores de turismo.

Como em outros países da América Latina e da África e Ásia, no Brasil, a maior parte dos turistas em busca de sexo é formada por homens do segmento médio (profissionais liberais, autônomos) e da classe trabalhadora dos países do Norte (Piscitelli, 2002; Ouriques, 2005), embora, nos últimos anos, venha aumentando o número de turistas brasileiros em busca de sexo, principalmente nos Estados do Mato Grosso, Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia (Shin, 2003). Dados do Ministério do Turismo, compilados a partir do Disque 100 Denúncia, mostram que no Brasil os casos de exploração sexual de crianças e adolescente por turistas ocorrem nas regiões de praia, nas fronteiras estaduais e internacionais e, também, em áreas com intenso movimento de pessoas, como as capitais (Ministério do Turismo, s/d). Já a população local envolvida com o turismo sexual é formada, majoritariamente por mulheres, jovens, negras e pobres.

Piscitelli (1996, p.27), ao analisar revistas brasileiras com estrangeiros em busca de mulheres jovens, delineou como principais descrições para essas: a alegria, a afetividade, a sensualidade, a disposição para o sexo e uma certa passividade e submissão. De acordo com a autora, na expectativa dos estrangeiros “se entrelaçam aspectos tradicionais da sexualidade feminina em muitas culturas ocidentais – passividade, submissão, receptividade – e atributos recorrentemente associados à figura da mulata, pensada como passional, voluptuosa, até imoral...”, confirmando a percepção apontada por Correa (1996, p.40) de que “a mulata é puro corpo, ou sexo, não ‘engedrado’ socialmente”.

Segundo Claudia Santos (2008), até o final da década de 1990, imagens de jovens mulheres negras seminuas, foram amplamente veiculadas no exterior para promover o Carnaval e o Brasil como destino turístico. Somente a partir de 2003, o governo brasileiro passou a se esforçar para intervir nessa realidade e reposicionar a imagem do país no exterior. Porém, de acordo com a autora, muitas páginas da Internet, como o orkut, ainda mantém comunidades onde os atributos físicos das jovens negras brasileiras são ressaltados e onde se disponibilizam informações para outros sites destinados a turistas que buscam relacionamentos afetivos-sexuais em suas viagens. Cláudia Santos (2008) considera que a erotização da mulher negra, associada ao imaginário escravagista que reduzia o corpo feminino à propriedade de deleite do senhor,

produziu um tipo sexual feminino no Brasil visto como altamente atraente, disponível e facilmente acessível. Bem (2005) acredita que a divulgação e a venda desse tipo sexual como atrativo turístico é uma das causas do turismo sexual no Brasil.

Piscitelli (2005), procurando compreender o turismo sexual em Fortaleza (Ceará) focaliza as relações de gênero. Segundo esta autora existem diferenças importantes na forma como turistas homens e mulheres dos países ricos do Norte se relacionam afetivo-sexualmente com nativos(as) dos países pobres do Sul. Enquanto a maioria das turistas mulheres têm relacionamentos afetivo-sexuais a partir do estabelecimento de um vínculo emocional, os turistas homens buscam por sexo casual. A autora chama atenção, entretanto, para as especificidades dos comportamentos envolvendo os “turistas sexuais” internacionais do sexo masculino: “alguns procuram, pelo menor preço possível, encontros explícitos e focalizados, preferindo relacionamentos múltiplos e anônimos. Outros, convencendo-se de estarem envolvidos em relações sexuais autênticas e recíprocas, não consideram prostitutas as mulheres que com eles se envolvem, nem se pensam como clientes” (p.1).

Blessa (2008), utilizando-se de observação etnográfica e da análise de 20 entrevistas realizadas com jovens nativos que trabalham como guias locais de turistas em comunidades anfitriãs do litoral Sul de São Paulo, mostrou que os relacionamentos afetivos-sexuais entre nativos e turistas são

mediados por estereótipos. Este fenômeno foi também observado no Vale do Ribeira por Santos (2004) e no litoral Sul do Rio de Janeiro por Bellenzani (2008). Os nativos, em geral, associam o turista ao dinheiro, que facilita a sobrevivência, financia passeios e “baladas” e lhes conferem status na comunidade. Os turistas, por sua vez, têm uma imagem exótica e erotizada dos nativos, ao qual se associam aspectos de virilidade e volúpia sexual e disponibilidade “barata” (Blessa, 2008).

Desse modo, é possível postular, ao menos, **duas modalidades distintas de turismo sexual:** a primeira enquanto **atividade socioeconômica com objetivo de oferecer sexo pago**, organizada em redes locais e global de serviços, atrelada, em geral, a atividades ilícitas; a segunda **cujos significados ganharam tom erótico**, inclui a circulação principalmente de homens e mulheres da Europa em viagem para algumas regiões da periferia do capitalismo e ex-colônias, visto que, como fraseou Chico Burarque: “Não existe pecado do lado de baixo do Equador” – estes últimos buscam situações que envolvam prazer, sensualidade e sexo; não, necessariamente, mediante ao pagamento formal em dinheiro ou a imersão em uma rede mais estruturada, do ponto de vista comercial (Santos, Bellenzani e Silva, 2008).

Com base em análise de reportagens do jornal *The Sun*, Ware (2004) investigou os relacionamentos afetivos-sexuais entre turistas inglesas e jovens negros da Gâmbia. Segundo a autora, a relação de troca em que

homens negros ganham dinheiro ou são “sustentados”, por oferecer sexo e companhia a mulheres inglesas “solitárias”, tornou-se bastante evidente nas reportagens do jornal a partir da notícia de mulheres inglesas que largaram os maridos e foram para Gâmbia viver com os jovens de lá. De acordo com as reportagens analisada por Ware (2004) os jovens são vistos pelas mulheres como sexualmente potentes e insaciáveis, além de atenciosos e disponíveis. Sanchez (1999) observa que uma das características do turismo sexual é o envolvimento da população local no uso de sua identidade étnico/racial como parte do produto que estão vendendo: “Somado aos serviços reais, seja o trabalho como guia, como vendedor de frutas, artistas ou como gigolôs e prostitutas, eles estão vendendo parte de sua própria personalidade” (p.4).

Por outro lado, na perspectiva dos jovens nativos parece comum a percepção de que os relacionamentos estabelecidos com turistas envolvendo acesso aos bens de lazer e consumo e contatos corporais/sexuais **não tem o caráter de prostituição, programa ou serviços sexuais**. Tais relacionamentos são assimilados ao universo dos bens negociáveis, procurados e, por vezes, explorados como serviço, mercadoria ou moeda de troca, assim como os passeios e serviços de hotelaria, embora com graus distintos de consciência por parte dos sujeitos envolvidos (Bellenzani, 2008). Mas, há também casos em que esses relacionamentos se constituem em estratégias conscientes dos jovens nativos na busca de ascensão

social, representada pela possibilidade de ganho material e possibilidades de uma vida melhor.

Semelhantes aos relacionamentos afetivos-sexuais de Gâmbia, Herold, Garcia e Demoya (2001) observaram que, na República Dominicana, há envolvimento de turistas mulheres do Norte com os *beach boys*, jovens negros dominicanos que prestam serviço na área de turismo (condução de grupos de visitantes, aluguel de equipamentos de praia, garçons). Segundo os autores (Herold, Garcia e Demoya, 2001), esses jovens envolvem-se com as turistas em busca de status (tanto entre eles próprios, como junto à comunidade), de dinheiro e de um futuro diferente, quem sabe ao lado de uma turista, vivendo em outro país. Um *beach boy* “fica” em média com 20 turistas por ano. Preferem permanecer todo o tempo ao lado da mesma turista – ou seja, durante toda as suas férias, porque assim é mais fácil obter retorno material.

Claudia Santos (2008) investigou os relacionamentos afetivos-sexuais estabelecidos entre turistas estrangeiros e jovens negras de Salvador (Bahia). A autora utiliza o conceito de “gringólogas” para nomear as jovens nativas que são consideradas “caçadoras de gringos” na cidade. Segundo a autora, elas vivem em bairros próximos ao Pelourinho e se dirigem para o bairro da Barra no fim da tarde “para iniciar a paquera ainda na praia e só retornar no outro dia pela manhã, devido a dificuldade de transporte durante a madrugada. Não recebem dinheiro pela sua companhia,

geralmente “lucram” com jantares, entrada em shows, noites em belos hotéis, um auxílio para o táxi e presentinhos” (p.13). De acordo com Claudia Santos (2008), para as jovens, esse tipo de troca é interessante, já que depois de certo tempo de convivência constante com o turista aumentam as chances de se obter um convite para viver no exterior.

As práticas relacionadas acima, embora não assumidas como trocas comerciais pelos jovens nativos, inserem-se em um jogo de ganhos materiais que tem o turista como alvo e que podem estar se constituindo como exploração sexual. Refletir sobre elas e, também sobre seus ganhos simbólicos, faz-se necessário para elucidar a construção intersubjetiva dos jovens dessas comunidades, na forma como lidam com sua identidade étnico/racial e sexualidade. Parafraseando Dias Filho (1996), para além das condições materiais e simbólicas que tornam possível a existência do turismo sexual e de pessoas expropriadas da sua dignidade, existe o desejo como componente de autoconstrução dessa identidade e sexualidade; essa questão precisa ser enfrentada.

Considerações Finais

O fenômeno turismo vem promovendo a ocorrência e/ou o aumento de práticas sexuais de risco para a saúde nas comunidades anfitriãs que o abriga. A exposição dos jovens dessas comunidades ao ingresso ocasional ou formal em práticas de mercantilização dos relacionamentos afetivo-sexuais com os turistas, aliada ao uso de

álcool e outras drogas, amplia a vulnerabilidade de ambos os grupos, turistas e moradores, aos agravos em saúde sexual, às situações de emergências médicas provocadas pelo uso abusivo das substâncias psicoativas e ao turismo sexual.

É preciso que o poder público local das comunidades anfitriãs seja preparado para se posicionar de forma adequada e resolutiva com vistas à redução dessa vulnerabilidade e para atuação junto a sua população, principalmente jovem. Isso inclui ações das secretarias de saúde, turismo, esporte e lazer, educação, incluindo a realização de ações de enfrentamento ao turismo sexual, de geração de renda, campanhas de prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas, a gravidez não-planejada e às DST/Aids e Hepatites, além do fornecimento de materiais educativos e informativos, de insumos de prevenção como a camisinha e outros contraceptivos, incluindo a pílula do dia seguinte; e a preparação dos equipamentos públicos para lidar com tais temas.

Considera-se que os conselhos de saúde e tutelar e as organizações comunitárias e não-governamentais são instituições estratégicas para serem sensibilizadas a fim de integrar e atuar na promoção da Saúde Pública de suas populações, frente aos impactos do turismo.

Por outro lado, também é preciso promover ações que favoreçam a redução dessa vulnerabilidade no âmbito da cadeia produtiva do turismo, com a realização de seminários e treinamentos para os profissionais do setor. Tais iniciativas devem

envolver, preferencialmente, vários segmentos do poder público, da iniciativa privada e da sociedade civil organizada, garantindo uma ampla mobilização comunitária em prol da saúde e da proteção dos direitos das crianças e jovens.

Bibliografia

- Bauer I. The health impact of tourism on local indigenous populations on resource-poor countries. *Travel medicine and infectious disease* 2008; 6(5):276-291.
- Bellenzani R. *Sexualidade entre jovens das comunidades anfitriãs de turismo: desafios para a prevenção das DST/HIV e o Programa Saúde da Família*. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.
- Bem AS. *A dialética do turismo sexual*. Campinas: Papirus, 2005.
- Blessa CRB. *Interações afetivo-sexuais no contexto do turismo e a vulnerabilidade às DST/Aids: um estudo em comunidades caiçaras do litoral sul de São Paulo* [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.
- Burns PM. *Turismo e antropologia: uma introdução*. São Paulo: Chronos, 2002.
- Cavalheiro T e cols.. Hábitos de uso da camisinha entre jovens em situação de férias. In: Fernandes SMEL, D'angelo LAV, Vieira EM (Orgs.). *Prevenção ao HIV/AIDS: a experiência do Projeto AIDSCAP no Brasil*. São Paulo: Associação de Saúde da Família, 1999.
- Claudia Santos EF. Passaporte na mão e camisinha na outra: a imagem da mulher brasileira e o turismo sexual na cidade de Salvador. *XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. ABEP, 2008, 17p. (Disponível em: www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008).
- Coriolano LNMT. Turismo e degradação ambiental no litoral do Ceará. In: Lemos, A. I. G., org. *Turismo: impactos socioambientais*. São Paulo: Hucitec, 2001.p.93-103.
- Correa M. Sobre a invenção da mulata. *Cadernos Pagu* 1996, 6-7:33-50.
- Damas W., Pacca J.C. Pesquisa de comportamento sobre o uso de preservativo entre adolescentes durante o Festival de Inverno de Campos do Jordão. In: Fernandes, M.E.L., D'angelo L.A.V., Vieira, E.M. *Prevenção ao HIV/AIDS: a experiência do Projeto AIDSCAP no Brasil*. São Paulo: Associação de Saúde da Família, 1999.
- Dias Filho AJ. As mulatas que não estão no mapa. *Cadernos Pagu* 1996, 6-7:51-66.
- Figueiredo R e McBritton, M. Cultura de turismo e população litorânea: contatos afetivo-sexuais de verão. *Boletim do Instituto de Saúde – Bis* 2007, 41: 46-48.
- Figueiredo R e McBritton M. *Relatório da Pesquisa “Comportamento Sexual e Reprodutivo de Jovens no Carnaval do Guarujá, 2006”*. São Paulo: Instituto Cultural Barong, 2006.
- Figueiredo R e Santos AO. *Curso de capacitação em saúde sexual e reprodutiva e drogas - Projeto Despertar Para a Vida*. São Paulo: CEVAM, 2008. 15p. (Relatório Técnico).
- Gomes, MS. Dimensões simbólicas do turismo sexual. Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Mulher e Gênero da UFRGS, 2008. 8p. (Disponível em: www.ufrgs.br/nucleomulher).
- Herold E, Garcia R e Demoya T. Female tourists and beach boys: romance or sex tourism? *Annals of Tourism Research* 2001; 28(4):978-997.
- Joseph CA e Kavoori PA. Mediated resistance. Tourism and the host community. *Annals of Tourism Research* 2001; 28(4):998-1009.
- Mbaiwa, J. The sócio-cultural impacts of tourism development in the Okavango Delta, Botswana. *Journal of tourism and cultural change* 2004; 2(3):163-84.

- Ministério do Turismo. Anuário Estatístico Embratur, Volume 35, 2008. Disponível em: www.turismo.gov.br
- . Cartilha de orientação Turismo Sustentável e Infância, s/d. Disponível em: www.turismo.gov.br
- Oliveira AAS. *Turismo e comunidade: a configuração do sofrimento psicossocial em um povoado de pescadores* [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.
- Ouriques R. *A produção do turismo: fetichismo e dependência*. Campinas: Alínea, 2005.
- Piscitelli A. “Sexo Tropical”: comentários sobre gênero e raça em alguns textos da mídia brasileira. *Cadernos Pagu* 1996; 6-7:9-33.
- . Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo. *Cadernos Pagu* 2002; 19: 195-231.
- . Gênero e racialização no contexto de relações transnacionais – comentários a partir de relações presentes no turismo sexual em Fortaleza (Ceará, Brasil). *Observatório Latino Americano de Políticas Educativas* 2005, 21p. (Disponível em: www.lpp-uerj.net/olped)
- Rocha L e colaboradores. A vulnerabilidade às DST em regiões de intensa prostituição e turismo sexual de Natal/RN. *Revista Brasileira de Análises Clínicas* 2008; 40(1):3-6.
- Ross GF. *Psicologia do Turismo*. São Paulo: Contexto, 2001.
- Sanches JT. Turismo sexual en el Caribe. 1999, 4p. (Disponível em: www.mujereschile.cl).
- Santos AO. *Turismo e saúde comunitária: intervenção e pesquisa no Vale do Ribeira, São Paulo, Brasil*. [Tese de Doutorado]. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2004.
- . Impactos socioambientais do turismo. NEPAIDS, 2006, 16p. Disponível em http://www.usp.br/nepaids/paper_alessandro.pdf. Acesso em: 01fev.2007.
- Santos AO e Paiva V. Vulnerabilidade ao HIV: turismo e uso de álcool e outras drogas. *Revista de Saúde Pública* 2007; 41(Supl.2):80-86.
- Santos AO, Bellenzani R e Silva VN. Vulnerabilidade de turistas e moradores de comunidades anfitriãs de turismo ao HIV/Aids: recomendações para o trabalho de prevenção. NEPAIDS, 2008, 14p (Disponível em: <http://nepaids.incubadora.fapesp.br>)
- Shin SW. *O Turismo e a exploração sexual: um estudo de caso na cidade de Fortaleza* [Tese de Doutorado]. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.
- Ware V. Pureza e perigo: raça, gênero e histórias de turismo sexual. In: Ware V (org). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 283-305.
- Weaver BD e Lawton JL. Residents perceptions in the urban-rural fringe. *Annals of Tourism Research*, 2001; 28(2): 439-458.

